

Convencer as pessoas de que o respeito às regras de distanciamento e de uso de máscaras ajuda a proteger os seus familiares surte mais efeito do que apelar para que elas sigam as normas para não serem punidas, mostra pesquisa americana

Foco na família

Ernesto Benavides/AFP - 28/5/20



A preocupação com os parentes idosos e que tenham comorbidades é outro mobilizador, segundo os cientistas

Usar o argumento de que o distanciamento social e o uso de máscara são fortes atitudes de proteção das famílias pode ser a melhor estratégia de convencimento de quem ainda não adotou essas práticas, mostram cientistas estadunidenses.

O grupo chegou à conclusão após realizar um estudo comportamental com mais de mil pessoas e divulgou os resultados da análise na revista especializada *Patient Education and Counseling*.

No artigo, os cientistas relatam que mensagens focadas em envergonhar ou pressionar as pessoas a usarem máscaras ou evitarem multidões têm falhado, já que os índices dos casos da doença têm subido rapidamente em praticamente todo o mundo. Por isso, eles resolveram investigar se outra estratégia poderia render melhores resultados entrevistando 1.074 norte-americanos sobre suas atitudes em relação ao novo coronavírus.

Ao serem perguntadas sobre o que pensavam sobre o uso de máscaras e de distanciamento para proteger toda a comunidade, as pessoas, de uma forma geral, reagiram negativamente. Alegaram que haveria violação de direitos e liberdades individuais. Já quando a pergunta abordava a proteção de familiares como justificativa para o uso de proteções, as respostas foram mais positivas.

“Quando as pessoas avaliam os comportamentos de proteção de forma mais geral, ou seja, como uma norma a ser seguida por todos, pensamentos negativos, como a percepção de um controle externo, substituem os positivos”, explica, em comunicado, Kenneth Resnicow, professor do Departamento de Comportamento de Saúde e Educação em Saúde na Escola de Saúde Pública da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, e autor principal do estudo.

Ao contrário, “quando as pessoas se consideram agentes protetores para os seus mais próximos, elas abordam essa proposta de maneira diferente. Os indivíduos são menos propensos a permitir que suas crenças pessoais e políticas as desencorajem de praticar a proteção nesse contexto”, explica Resnicow.

Mais vulneráveis

Para a equipe, o resultado indica que as estratégias de incentivo ao uso de medidas protetivas precisam mudar. “Nossos dados mostram que simplesmente repetir que as pessoas devem seguir as diretrizes de saúde pública provavelmente não será eficaz. Enfatizar o ato de proteger os seus mais próximos pode fazer com que as pessoas não relutem em seguir as práticas protetivas, pode fazer com que elas se sintam independentes e fortes, em vez de complacentes

ou obedientes”, afirma Resnicow.

O fato de os mais vulneráveis serem idosos e/ou pessoas com comorbidades, o que já desperta o cuidado de familiares, também torna a metodologia proposta pela equipe estadunidense estratégica. “Indivíduos com problemas crônicos de saúde têm 12 vezes mais probabilidade de morrer com o novo coronavírus. Para aqueles que cuidam de alguém com câncer ou outras doenças, proteger seu ente querido é fundamental”, justifica o autor do estudo.

Resnicow ressalta ainda que pensar em formas de mobilização mais eficazes é ainda mais importante agora, com a chegada das campanhas de vacinação contra a covid-19. “A perspectiva de perder alguém é ainda mais ter-

rível sabendo que podemos estar chegando na reta final dessa pandemia. Com as vacinas no horizonte, é mais importante do que nunca seguir as medidas de distanciamento social para ajudar a acabar com a covid-19 o mais cedo. Ter essa preocupação com quem convivemos pode ser um grande auxiliar nessa tarefa”, afirma.



Quando as pessoas avaliam os comportamentos de proteção de forma mais geral, ou seja, como uma norma a ser seguida por todos, pensamentos negativos, como a percepção de um controle externo, substituem os positivos”

Kenneth Resnicow, pesquisador da Universidade de Michigan e autor principal do estudo

Maior contato com a natureza

O que é necessário para que algumas pessoas passem a valorizar mais a natureza? Segundo cientistas estadunidenses, a pandemia da covid-19 parece estar favorecendo essa mudança de postura. Os pesquisadores entrevistaram 400 frequentadores de 25 parques e áreas naturais do país e descobriram que 26% daqueles que visitaram os locais nos primeiros meses da pandemia raramente ou nunca haviam visitado espaços parecidos no ano anterior.

“Como muitas pessoas, notamos um grande aumento no número de visitantes às florestas e aos parques urbanos nos primeiros dias da pandemia (...) Queríamos entender como as pessoas estão usando a natureza local para lidar com os desafios físicos e mentais da pandemia de covid-19”, relata, em comunicado, Brendan Fisher, pesquisador da Universidade de Vermont e autor do

estudo, publicado na revista especializada *Plos One*.

Os cientistas também observaram que quase 70% dos usuários do parque aumentaram as visitas à natureza local durante o isolamento social e que 81% dos entrevistados disseram que essas experiências foram “muito importantes” para eles, mais do que antes do período de isolamento.

Segundo os relatos, 66% das pessoas recorreram a essas áreas para encontrar paz e tranquilidade. Para os cientistas, esses resultados mostram a importância de manter esses espaços verdes preservados. “Especialistas em doenças infecciosas preveem que novos vírus surgirão com frequência. As áreas naturais e seus orçamentos devem ser salvaguardados e, se possível, aprimorados para manter e melhorar o bem-estar humano, especialmente em tempos de crise”, justificam.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Handout/AFP



» SEGUNDA-FEIRA, 14 SONDA TRAZ POEIRA PRETA DE ASTEROIDE

Cientistas comprovaram que a poeira preta, semelhante à areia, encontrada na camada externa da cápsula japonesa que retornou à Terra, procedente do asteroide Ryugu, era mesmo desse corpo celeste. Os diretores da Agência Espacial Japonesa (Jaxa) publicaram a foto de um pequeno depósito de matéria na parte externa de uma caixa metálica, dentro da qual a sonda trouxe amostras do asteroide, ao fim de uma missão de seis anos. Os cientistas esperam que o interior da cápsula contenha até 100mg de matéria coletada em Ryugu, cuja distância da Terra varia a cada cinco anos entre 10 milhões e 350 milhões de quilômetros. “Vamos continuar o trabalho de abrir o coletor de amostras. A extração e a análise serão feitas por equipes especializadas”, assinalou a Jaxa.

» TERÇA-FEIRA, 15 MULHERES EM RISCO

Mulheres enfrentam um risco 20% maior do que os homens de morrer ou ter insuficiência cardíaca durante os cinco anos após um ataque do coração, de acordo com um novo estudo de pesquisadores de cardiologia da Universidade de Alberta, no Canadá. A equipe de pesquisa examinou os registros de saúde de mais de 45 mil canadenses que foram hospitalizados por um primeiro ataque cardíaco entre 2002 e 2016, relacionando dados sobre os resultados de seus angiogramas, tratamentos e evolução clínica. Os cientistas afirmaram que não sabem ainda o porquê de as pacientes do sexo feminino apresentarem maior mortalidade, mas observaram que grande parte delas tinha condições crônicas como diabetes e hipertensão, que podem contribuir para esse risco elevado.

» QUARTA-FEIRA, 16 TESOURO ARQUEOLÓGICO RESGATADO NA FRANÇA

O serviço alfandegário da França fez, em Metz, uma de suas maiores apreensões de objetos arqueológicos saqueados. São 27.400 peças de “valor inestimável”, acumulados ao longo dos anos por um misterioso saqueador no leste do país. A investigação foi realizada ao longo de mais de um ano por uma equipe de agentes da Alfândega francesa, em cooperação com as autoridades belgas e os serviços descentralizados do Ministério da Cultura. O saqueador, cuja identidade não foi divulgada, concentrou-se em diversos sítios históricos de referência do leste francês, onde, equipado com detectores de metal e uma cultura científica arqueológica muito sólida, reuniu, durante anos, esta coleção inédita para fins pessoais e comerciais. Ele começou a levantar suspeitas contra si depois que declarou ter encontrado, casualmente, 14.154 moedas romanas, em um terreno que havia adquirido na Bélgica.

Jean-Christophe Verhaegen/AFP



» QUINTA-FEIRA, 17 COVID MATA TRÊS VEZES MAIS EM HOSPITAIS DO QUE A GRIPE

Um estudo francês, publicado na revista médica *The Lancet Respiratory Medicine* destaca que o novo coronavírus causa três vezes mais mortes nos hospitais do que a gripe sazonal. A pesquisa se baseia em dados de mais de 135 mil pacientes franceses: 89.530 internados com covid-19, em março e abril, e 45.819 internados com gripe, entre dezembro de 2018 e fevereiro do ano passado. O índice de óbitos entre pacientes infectados pelo Sars-CoV-2 chegou a 16,9%, contra 5,8% para os que tiveram a gripe sazonal. “O fato é especialmente chamativo se levarmos em conta que a gripe do inverno de 2018-2019 foi a pior dos últimos cinco anos na França em número de mortos”, disse a professora Catherine Quantin, do Hospital Universitário de Dijon, coautora da pesquisa.